

# Perspectivas para o mercado

Investidor estrangeiro ainda aguarda a materialização de reformas em andamento no Congresso para se posicionar

Roberto Teixeira da Costa

13/08/2019

Como era esperado, e a expectativa não se frustrou, a queda substancial da inflação provocou uma sensível queda na taxa Selic, que foi reduzida para 6%, que é uma mínima histórica.

Com a redução, o mercado de renda variável vem refletindo essa nova conjuntura de taxas de juros em queda. Era praticamente impossível concorrer com as taxas altamente positivas oferecidas pelo mercado financeiro e pelos títulos públicos aos investidores.

A Bolsa vem reagindo com uma evolução de 15,84% nos últimos 12 meses, e a consequência mais relevante para a economia tem sido a retomada dos lançamentos de ações, sejam IPOs (ofertas iniciais) ou as chamadas *follow-ons* (ofertas secundárias) de empresas que já estavam no mercado. A oferta de ações no mês de julho superou R\$ 24,4 bilhões, o que foi o melhor mês de julho da história, superando, inclusive, o julho de 2008, até então o melhor mês da série histórica. Projeções indicam que poderemos chegar a US\$ 100 bilhões no ano em curso. Vale lembrar que os volumes do passado tinham um forte componente de aplicadores externos e, pelo registrado no mercado, as ofertas

subscritas do IRB e da BR Distribuidora foram majoritariamente tomadas por investidores nacionais, gestores de fundos, principalmente. Os investidores pessoa física voltaram a representar 20% do movimento da B3.

O investidor estrangeiro ainda aguarda a materialização de reformas em andamento no Congresso, para se posicionar em relação ao mercado. Essa é uma boa notícia, pois sua entrada significará um estímulo adicional.

Diferentemente de outros momentos de euforia no mercado, creio que hoje temos um mercado financeiro e de capitais mais ajuizado e disposto a precificar as emissões em nível mais realista. sem os exageros de outros tempos. As fundações de previdência, por exemplo, têm se mantido cautelosas e desempenhando seu papel institucional com bom senso, embora tenham recursos para alocar. A imprensa em geral tinha se empenhado em divulgar informações educativas para o investidor.

Fica transparente existir um volume razoável de recursos para ingressar no mercado, desde que lhe sejam oferecidos bons projetos a preços justos.

Quanto à taxa de juros, as indicações são de que há espaço para redução adicional na próxima reunião do Copom. Mundialmente, a tendência de taxas de juros reais mais baixa já dura décadas, e muitos analistas não acreditam em reversão no curto prazo, o que nos é favorável como país tomador de recursos. Resta ver essa queda com juros ter um impacto mais substancial para os tomadores de crédito.

Ainda no campo de notícias auspiciosas, o interesse dos Estados Unidos em discutir um acordo comercial com o Mercosul (ou mesmo somente com o nosso país), com todas as possíveis dificuldades de lá e cá, é um fato a ser registrado.

Indica também que o anúncio de um acordo entre União Europeia e Mercosul, que ainda terá que ser aprovado pelos respectivos participantes, já está provocando repercussões positivas.

Quanto à variável externa, o aprofundamento da crise comercial entre Estados Unidos e China, agora com repercussões na área cambial, cria um nível de incerteza que poderá nos afetar negativamente.

*Roberto Teixeira da Costa é economista*